



QUANDO EU ERA PEQUENA, DE ADÉLIA PRADO E ELISABETH TEIXEIRA: ESCRITA DE SI, ILUSTRAÇÕES E INFÂNCIA

WHEN I WAS LITTLE, BY ADÉLIA PRADO AND ELISABETH TEIXEIRA: SELF-WRITING, ILLUSTRATIONS AND CHILDHOOD

Ingrid Lopes Rodrigues Piauilino  <https://orcid.org/0000-0002-6303-3411>
Programa Pós-Graduação em Teoria Literária
Universidade Estadual do Maranhão
ingridpiauilinolopes@gmail.com

Andrea Teresa Martins Lobato  <https://orcid.org/0000-0001-9066-2064>
Programa Pós-Graduação em Teoria Literária
Universidade Estadual do Maranhão
andreatmlobato@gmail.com

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.11277049>

Recebido em 09 de agosto de 2023

Aceito em 03 de novembro de 2023

Resumo: Adélia Prado é reconhecida no campo literário como poeta, considerando uma ampla recepção sobre suas obras. Contudo, há também sua produção de literatura infantojuvenil. Na obra *Quando eu era pequena* (2006), Prado revela sua infância por meio da personagem Carmela. Dessa forma, o presente artigo objetiva compreender como se dá a construção dessa autobiografia; tecer um breve retrato das relações entre o público infantil, a autora e as ilustrações; analisar a presença das ilustrações da obra em questão. Portanto, tornou-se necessário trilhar pela metodologia de cunho qualitativo e bibliográfico, bem como criar categorias de análise que abordassem as principais temáticas do texto, as quais são: sagrado, família, relação com a poesia. Tendo isso em vista, a base teórica conta com autores como: Figueiredo (2013), Sagae (2008), Camboim (1998), entre outros teóricos relevantes para o recorte da pesquisa. Desse modo, o presente trabalho se destaca ao debruçar-se sobre uma vertente de Adélia Prado que ainda é escassa de estudos no universo acadêmico, assim como analisa o trabalho artístico da ilustradora Elisabeth Teixeira, no que tange à composição estética da obra.

Palavras-chave: Adélia Prado. Ilustração. Escrita de si. Literatura infantojuvenil. Quando eu era pequena.

Abstract: Adélia Prado is recognized in the literary field as a poet, considering the wide reception of her works. However, she has also produced children's literature. In *Quando eu era pequena* (2006), Prado reveals her childhood through the character Carmela. The aim of this article is therefore to understand how this autobiography is constructed; to take a brief look at the relationship between the children's audience, the author and the illustrations; and to analyze the presence of the illustrations in the work in question. Therefore, it became necessary to follow a qualitative and bibliographic methodology, as well as to create categories of analysis that would address the main themes of the text, which are: sacred, family, relationship with poetry. The theoretical basis relies on authors such as Figueiredo (2013), Sagae (2008), Camboim (1998), among other theorists relevant to the research. In this way, this work stands out by focusing on an aspect of Adélia Prado that is still understudied in the academic world, as well as analyzing the artistic work of illustrator Elisabeth Teixeira, in terms of the aesthetic composition of the work.

Keywords: Adélia Prado. Illustration. Self-writing. Children's literature. Quando eu era pequena.

1 Introdução

A obra *Quando eu era pequena*, publicada em 2006, inaugura a produção infantojuvenil de Adélia Prado. Com ilustrações de Elisabeth Teixeira¹, Adélia Prado reconta sua infância por meio da personagem Carmela. No que diz respeito às ilustrações em obras de literatura infantojuvenil, estes recursos visuais possibilitam complementar e dinamizar a narrativa do texto, assim o leitor pode construir a percepção da narrativa da infância da protagonista.

Em vista desse contexto, buscamos compreender como se dá a construção dessa autobiografia; iniciando por um breve retrato das relações entre o público infantil, a autora e ilustrações; a seguir, analisando a presença das imagens no livro em questão. Portanto, tornou-se necessário trilhar pela metodologia de cunho qualitativo e bibliográfico, bem como criar categorias de análise que abarcassem as principais temáticas do texto.

A escolha metodológica, nessa seara específica, permite maior aprofundamento do objeto de pesquisa. Ademais, considerando o amplo repertório temático presente na obra, tornou-se relevante elencar as temáticas essenciais da obra *Quando eu era pequena*, sendo estas: família, sagrado e poesia. Nesse sentido, ancoramos nosso marco teórico em Figueiredo (2013), a partir de seu trabalho acerca da escrita de si, buscando analisar o livro neste viés; Sagae (2008) e Camboim (1998), os quais discutem sobre a relação entre ilustrações e imagens; bem como outras pesquisas na área.

Considerando o exposto, o trabalho é dividido em três tópicos. Inicialmente, discutimos sobre as relações entre literatura infantil além de dados sobre a escritora em questão, bem como sobre a ilustradora; em seguida, explanamos sobre a teoria da escrita de si e como o livro se enquadra nesta perspectiva; analisamos as relações entre ilustrações e texto escrito, a partir das categorias de análise.

2 Literatura infantil, Adélia Prado e Elisabeth Teixeira

Adélia Prado é reconhecida principalmente pela escrita poética; no entanto, há uma notoriedade relevante na sua produção de romances. Contudo, a sua vertente enquanto escritora de literatura infantojuvenil ainda é pouco investigada no âmbito acadêmico. O primeiro livro publicado, e também corpus desta pesquisa², chama-se *Quando eu era pequena* (2006), como continuação dessa história, tem-se também *Carmela vai à escola* (2011), ambos ilustrados por Elisabeth Teixeira. Além desses, *Cantiga dos meninos pastores* (2016), no qual, ao contrário dos outros, a escritora apresenta um poema de Natal e conta com a ilustração de Angela Souza.

Notamos, assim, uma tendência em publicar livro para um novo público, neste caso o infantil, nos textos mais recentes de Prado. Entretanto, os aspectos do cotidiano, do saudosismo e um do retorno a sua própria vida continuam ressoando nesses escritos. *Quando eu era pequena* tem como narrador-personagem Carmela, que narra situações simples e corriqueiras, como seu pai construindo brinquedos para ela e seu irmão Alberto (Bertinho); sua mãe costurando o vestido da primeira comunhão dela; seu deslumbramento pela palavra.

Outros personagens que também aparecem são Vovô da Horta e Vovô Brumado, os quais são descritos como contrastes, inclusive pelo próprio nome

¹ Ilustradora e ganhadora do prêmio Jabuti por três vezes (2004, 2010 e 2012), sendo em 2012 o prêmio destinado, em terceiro lugar, pela obra *Carmela vai à escola*.

² Pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico.

(Horta/Brumado). O primeiro é amoroso, presente e calmo, por outro lado o segundo é nervoso e raivoso. Isso se reflete na ilustração, já que o Vovô da Horta tem interação com seus netos e ocupa uma página inteira do livro, enquanto o Vovô Brumado é colocado em um porta-retrato, podendo representar a distância dele para com a afetividade da família:

Figura 1 – Vovô do Brumado



Fonte: Prado (2019, p. 8).

A mãe e o pai não recebem nomes próprios, o que reforça a narrativa de uma criança, a qual não chama seus pais pelos nomes. Também, descobrimos outro parente de Carmela, sua irmã, ainda bebê, Maria Célia, que pouco aparece no enredo. Nessa estrutura, conseguimos tecer paralelos entre a vida pessoal da escritora e a história que ela decidiu contar. Isso é reiterado pelo posfácio da obra, no qual a autora afirma:

Em um livro não cabe tudo. Não falei das minhas brigas com Alberto nem das brincadeiras com meu primo Benedito. Quem sabe posso escrever outro para contar essa parte? Porque eu gosto muito de contar e ler alto para as pessoas, igualzinho meu pai (Prado, 2005, p. 32).

Desse modo, observamos que a sua infância é a motriz da construção dessa narrativa e de seus personagens, ainda que existam alterações nos nomes, como discutiremos melhor em seguida. Contudo, assim como Carmela, Adélia viveu no interior de Minas Gerais – especificamente em Divinópolis –, tinha irmãos, é católica e nasceu em 1935, como apresenta a ilustração:

Figura 2 – Fotografia de Carmela bebê



Fonte: Prado (2019, p. 31).

Em relação às imagens incorporadas ao texto, temos o trabalho de Elizabeth Teixeira, formada em Desenho Industrial (UFRJ), ganhadora o prêmio Jabuti de ilustração infantil pelo livro *Brincando adivinhas* (2003), sendo uma profissional renomada no mercado editorial. Não sabemos quem escreve a crítica na contracapa do livro, porém é indicado que

A beleza das ilustrações em harmonia com um texto primoroso desperta sensações como cheiros, sabores, tristezas e alegrias que são capazes de remeter os adultos às memórias do passado e as crianças a um maravilhoso mundo de descobertas (Prado, 2019, n.p).

Assim, a construção das ilustrações, e do livro em si, não feita somente para crianças, mas também evocam a curiosidade de adultos por meio dessas imagens.

3 Escrita de si entre Carmela e Adélia Prado – espelhamentos e autoficcionalização

Figueiredo (2010) apresenta uma discussão sobre um gênero em ascensão e com vários exemplares brasileiros: a autoficção. O termo foi proposto por Serge Doubrovsky (1997, p. 10), que comenta sobre a possibilidade de ficcionalizar “fatos estritamente reais”, diluindo as distinções entre realidade e ficção.

Sobre a proposição do termo, Lejeune (2013, p. 539), referindo-se aos seus estudos em torno do *pacto autobiográfico*, declara: “Foi à frente de um dos meus quadros que Serge Doubrovsky teve a ideia, para encher uma casa que eu dizia (imprudently) que estava vazia, de inventar a mistura que ele nomeou “autoficção”.

Recordemos que na primeira parte da obra *O pacto biográfico*, Lejeune (1975), confrontando romance e autobiografia, o autor sinaliza que há uma espécie de pacto implícito entre leitor(a) e escritor(a) de romance de que ali se trata de ficção; enquanto no gênero autobiografia haveria um compromisso com a verdade. Aprofundando sua reflexão, Lejeune (1975) percebe que tais categorias textuais não devem ser reduzidas a si próprias, em fato o pensador francês destaca a relevância da reflexão em torno das imbricações entre ficção e verdade.

Pelo viés dessas imbricações entre ficção e verdade apontadas por Lejeune (1975) e que decorrem de posicionamentos pós-estruturalistas em torno da morte do autor e emergência de uma função-autor que transcende uma subjetividade e refletindo acerca da irrupção de escritas de si, Klinger (2007, p.44) aponta que “o autor não retorna como garantia última da verdade empírica e sim apenas como provocação, na forma de jogo que brinca com a noção de sujeito real”.

Ampliando esse debate, Klinger (2008, p. 22) pondera:

(...) é a partir da crítica à noção de representação e de sujeito que se pode formular um conceito de autoficção que seja específico da literatura contemporânea. O sujeito que “retorna” nessa nova prática de escritura em primeira pessoa não é mais aquele que sustenta a autobiografia: a linearidade da trajetória da vida estoura em benefício de uma rede de possíveis ficcionais. (...) Na autoficção, pouco interessa a relação do relato com uma suposta “verdade” prévia a ele, que o texto viria saciar (...)

Nesse sentido, na autoficção “pode-se recortar a história em fases diferentes, dando uma intensidade narrativa própria do romance” (Figueiredo, 2010, p. 92), assim como acontece em *Quando eu era pequena* (2006), o qual parte de recortes, lembranças, que começa com comentários sobre o nome da protagonista e termina com informações acerca do seu nascimento, sem pretensões de seguir uma linha cronológica.

Também, analisamos a “troca” de nomes, em que Adélia se escreve como Carmela, termo que origem no hebraico *karmél* e significa “vinha de Deus”. Mesmo optando por outros nomes para seus personagens, Prado mantém a relevância, frequente em sua literatura, em relação a Deus. Ainda sobre seu nome, a narradora diz:

Meu pai costumava me chamar de Melona ou Melanita. Não me importava. ‘Melona, me traz a branga’, ‘Melanita, me traz um gole de café’. Só me chamava assim quando estava muito alegre, por isso não me importava. A coisa mais boa é ver pai e mãe com cara alegre (Prado, 2019, p. 5)

Sendo assim, independente do seu nome ser Carmela, o mais importante era o sentimento de satisfação no ambiente familiar e, principalmente, destaca a relevância que seu pai e mãe tinham em sua vida. Esse aspecto que transita em seus poemas sobre orfandade, já que perdeu a mãe em 1950, quando ainda tinha 15 anos de idade, e o pai em 1972.

Neste cenário, Figueiredo (2010) sugere a metáfora do espelho “pelo tratamento do tema do duplo, do jogo especular, do espelho, tematiza-se a duplicidade do escritor que se expõe como se a ficção fosse parte de sua vida” (Figueiredo, 2010, p. 91). Dessa forma, Adélia Prado se reconta na ficção de sua vida.

Isso é intensificado pela temática da infância e sua proposta em lembrá-la, pois escreve já adulta, rememorando sua vida como crianças. Assim, a distância temporal e identitária é aumentada (Figueiredo, 2013, p. 44), já que as memórias da infância são “por demais fragmentárias e evanescentes” (Figueiredo, 2013, p. 44). Portanto, para além de discutir sobre a “veracidade” da narrativa, intenta-se discutir as possibilidades literárias, bem como analisar essa tecitura em conjunto às ilustrações.

Colocando-se na posição de uma criança, neste caso, Carmela, a narradora mantém sua linguagem infantil: “A coisa mais boa é ver pai e mãe com cara alegre” (Prado, 2019, p. 5). Percebemos que a transgressão à norma-padrão representa a oralidade marcante da obra de Prado e corrobora para o convencimento do leitor (Almeida, 2011).

Destacamos que esse narrador não é estático, pois por vezes se aproxima da voz de uma criança, notável pelos marcadores textuais, e em outras é um adulto lembrando do seu passado com saudade. Ademais, Adélia Prado ocupa um espaço privilegiado para escrever sobre si, pensar sobre os acontecimentos da sua existência, entender-se como mulher em relação à sua família, sagrado e poesia.

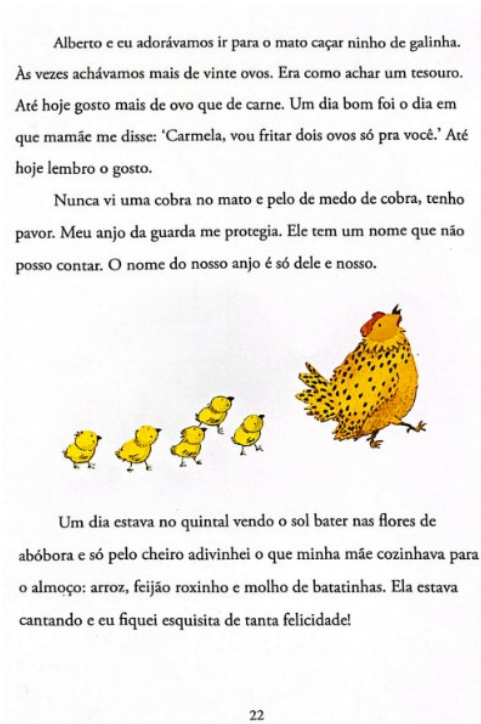
4 Análise das ilustrações

Nesta parte, faremos uma breve discussões sobre a utilização das ilustrações nos livros infantis, fazendo o recorte para o livro em questão. Para a análise, elencamos três categorias: sagrado, família, relação com a poesia. Inicialmente, apontamos a classe indicativa do livro, a qual é de 6 a 8 anos de idade. Neste período se começa a transição em aumentar a quantidade de texto escrito e diminuir o número de imagens, mescla que acontece no livro de Prado.

Ramos e Nunes (2013), em sua pesquisa, partem de questionamentos sobre a função das ilustrações nas obras infantojuvenis. As pesquisadoras constataam, então, que o ilustrador possui papel basilar na relação do leitor com esse tipo de livro, já que pode promover outra experiência literária, a partir de sua visão.

Também, é essencial a presença de imagens na obra para o público infantil, pois “a imagem pictórica plasma-se com muito mais vigor na mente do receptor, já que tem natureza distinta da existente na verbal (...) uma é dinâmica, a outra é estática” (Camboim, 1998, p. 6). Assim, as ilustrações se misturam no texto escrito dando visualidade ao que é narrado, a fim de representar o cotidiano da personagem:

Figura 3 – Infância de Carmela



Fonte: Prado (2019, p. 22).

Além disso,

Se perante o texto havia apenas um leitor, com inclusão do desenho tem-se um leitor-observador, que associa a visão gerada pela palavra com a visão gerada pela ilustração (...) certas situações ou personagens que, sem os desenhos. Seriam apenas visualizados passam a ser vistos (Camboim, 1998, p. 6).

Desse modo, as ilustrações são elementos estéticos da obra que se apresentam como um suporte para a estruturação da narrativa, assim como no imaginário infantil. No caso acima, a galinha e seus filhotes, os quais mantêm a tonalidade amarelada permeada em toda a obra. Essa cor que promove a sensação de melancolia e rememoração, tal qual a história de Carmela/Adélia. Portanto, imagem e texto convergem para o mesmo sentido proposto: lembrar de acontecimentos da infância com saudade. Isso também acontece na capa do livro:

Figura 4 – Carmela, Alberto



Fonte: Prado (2019).

Nela podemos ver o fundo amarelado no céu, que também está presente na roupa de Carmela. Esta que é representada brincando em meio a sua cidade calma e pacata. Sobre elementos editoriais, o nome da escritora é escrito em tamanho maior, assim como vem acima do nome da ilustradora, o que é comum nesse tipo de obra, a fim de dar destaque para o autor da obra, normalmente mais conhecido que o ilustrador. Por isso, torna o livro mais atrativo para venda. Também, “a imagem proporciona ao leitor o suporte, a pausa e o devaneio tão importantes em uma leitura criativa” (Lôbo, 1999, p. 82), como acontece nas páginas inteiras que são ocupadas por uma ilustração:

Figura 5 – Carmela, Alberto e sua mãe



Fonte: Prado (2019, p. 21).

Em relação à posição das ilustrações, existem três possibilidades comuns:

Na primeira, a ilustração antecipa os fatos, se for colocada antes do trecho a que se refere; na segunda, ela reitera os fatos, se posta depois da passagem a que diz respeito; pode ainda, na terceira situação, ser inserida no texto, de modo a evidenciar a concomitância das palavras e da imagem (Lôbo, 1999, p. 84).

No caso deste livro, as três maneiras acontecem. Seguindo a ordem colocada por Lôbo (1999), a ilustração antecipa na narração sobre a reza de seu pai:

Figura 6 – A reza do pai de Carmela



Papai gostava muito de pescar com um colega de serviço que se chamava Lazinho.

Quando dava tempestade à noite, tínhamos muito medo dele morrer na beira do rio. Era começar a trovoadas e Vovô trepava no fogão com o terço, a lamparina e pegava a rezar e cantar benditos, todo mundo acordado em volta dele. Por que será que ele subia no fogão? Não era fogão a gás, era fogão a lenha, grandão e cheio de brasas. Vovô era bem medroso, pelo menos de chuva, era. Quando meu pai chegava inteiro e molhado, acabava a tristeza e todo mundo ficava corajoso outra vez.

17

Fonte: Prado (2019, p. 17).

Na categoria do sagrado, acompanhamos o cotidiano litúrgico da família católica, que reza, vai para comunhão, como é evidente na figura 4, 5 e, principalmente, nos trechos seguintes:

Nasci no mesmo dia da nossa igreja, que se chama Santuário de Santo Antônio. Ao lado da sua porta de entrada tem uma pedra gravada: 1935. O mesmo ano em que eu vim ao mundo. Quando entro nela, é como entrar em minha casa. Encontro pai, mãe, tio, avós, minha família fica de novo reunida. Os vivos e os que Deus chamou para morar com Ele. A casa de Deus é mesmo a nossa casa. Quando escuto o sino do Santuário tocar, às vezes choro, mas é choro bom, não é de tristeza, não, é de saudade (Prado, 2019, p. 31).

Quando eu era pequena eu queria que o céu fosse parecido com o nosso quintal: cisterna, jardim, horta, pé de abacate, quartinho de guardar serragem (...) Nossa casa era tão perto da estrada de ferro, que balançava na passagem do trem. Papai brincava 'Balança, mas não cai, Deus toma conta.' E tomara mesmo (Prado, 2019, p. 20).

Como já foi apontado, Deus também está presente na obra infantil de Prado. Ele se faz na vida de Carmela com seus pais, na sua rotina e, basilamente, na sua existência. É na sua relação com Ele, que é possível se aproximar de si e da sua família. A primeira citação também reforça o que foi comentado, isto é, o elemento da saudade latente no livro. Ela também relembra de sua oração e de sua mãe tecendo seu vestido da primeira comunhão. Em segundo caso, mais recorrente na obra, a ilustração reitera o que foi narrado:

Figura 7 – A mãe de Carmela costura




Fonte: Prado (2019, p. 15).

Adentrando no âmbito da família, o livro apresenta a mãe de Carmela cantando na cozinha. Essa construção imagética é reconhecida como um aspecto essencial da literatura adeliânica: apresentar a poesia de uma mulher simples em seus afazeres comuns. Assim, uma vida que é distanciada, socialmente, da beleza recebe um novo olhar, no qual há encanto em cozinhar:

Figura 8 – A mãe de Carmela canta

O canto era assim:

Muito lindo é o céu
Todo cheio de alegria
Lá não há noite nem sombra
Tudo é um claro dia.



À noite quando fui dormir, no escuro do quarto, fiquei lembrando das flores de abóbora no sol, e elas pareciam lâmpadas. Senti uma coisa tão boa no corpo e no coração que fiquei falando debaixo do cobertor:

Zique boca taca rica
Sede limpa cocorica

Quando fiquei adulta descobri uma coisa: aquela língua esquisita que eu inventei se chama poesia.
Mas como eu ia saber disso? Nem estava na escola ainda!

23

Fonte: Prado (2019, p. 23).

Esse é um exemplo do terceiro caso, colocado por Lôbo (1999), no qual a imagem se funde ao texto, amplificação a visualização da cena em que a mãe canta enquanto cozinha. Nessa ilustração, também percebemos a relação de Carmela com a poesia. A partir do exemplo de sua mãe, ela descobre que a canção que tinha produzido era poesia. Esse encantamento pela palavra continua na página seguinte que mostra Carmela recitando poesia, pois “gostava tanto de palavras” (Prado, 2019, p. 25):

Figura 9 – Carmela recita poesia



Fonte: Prado (2019, p. 24).

No cotidiano familiar, Carmela recebe os primeiros incentivos e, principalmente, o apreço pela “palavra”, a qual se tornou literatura. Assim, a “palavra” é um meio próprio da fabulação, desenvolvimento da ficcionalidade em Carmela, ao mesmo tempo em que isso liga a personagem à poeta: o trato com a palavra poética. A ilustração também oportuniza a observação do leitor de uma reunião entre familiares, em que a arte está presente de forma afetiva. Notamos, dessa forma, que a obra oportuniza diferentes formas de expor as ilustrações, conforme for propício ao sentido do texto escrito. Também, dá destaque para os elementos essenciais do enredo, sendo estes as categorias citadas.

5 Considerações finais

Considerando o exposto, percebemos que Adélia Prado, em sua primeira publicação voltada ao público infantil, reconstrói sua infância por meio de categorias essenciais na sua obra como um todo: família, sagrado e poesia. Assim, por meio da personagem Carmela, ela reflete sobre o amor pelos pais, a presença da religiosidade, bem como os primeiros contatos com a “palavra”.

Além disso, notamos a escrita de si no texto literário em questão, o qual parte de memórias infantis que possuem complicações temporais, como foi apresentado. Dessa forma, a escritora acompanha a tendência contemporânea de retomar o passado e escrever-se em ficção, a qual não deixa de ser verdade.

Também, a ilustradora Elisabeth Teixeira compõe a obra com imagens, as quais buscam reforçar a narração. Ilustrações que são elaboradas essencialmente na tonalidade

de amarelo, esta que retoma a ideia de melancolia e lembrança. Assim, a composição imagética colabora para a facilitação da leitura, considerando o público-alvo.

Desse modo, ressaltamos a importância do trabalho em elencar a literatura infantil de Adélia Prado, a qual ainda é pouco investigada no meio acadêmico, bem como o trabalho artístico de Elisabeth Teixeira. Portanto, este artigo colabora com novas análises que possam surgir acerca dessas artistas.

Referências

ALMEIDA, Cristina. Chega de literatura para crianças. **Continente**. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/arquivo/chega-de-literatura-para-criancas>.

Acesso em: 8 de ago. 2023.

CAMBOIM, J. Afonso. O texto e as ilustrações. **Cerrados**, Brasília, nº7, 1998.

FIGUEIREDO, Eurídice. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. **Revista criação & crítica**, n. 4, p. 91-102, 2010. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46790>. Acesso em: 7 de ago. 2023.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FREITAS, Emanuele; ALVES, Márcio. Uma análise semiótica das ilustrações das capas de O Pequeno príncipe, de Antoine de SAINT-Exupéry. **V Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG - III Salão de Extensão**. Caxias do Sul, outubro, p. 885-893.

Disponível em: <https://ojs.fsg.edu.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/2718>.

Acesso em: 6 ago. 2020.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

KLINGER, Diana. Escritas de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. 12, 2008. p. 10-30.

LEJEUNE, Philippe. Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa. **Letras De Hoje**, 48(4), 2013:537-544. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15460> Acesso em: 30 ago, 2023.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

LÔBO, Danilo. O inter-relacionamento entre textos e ilustrações nos livros de literatura infanto-juvenil. **Itinerários**, Araraquara, n.14, p.81-90, 1999. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/3385>. Acesso em: 30 mar. 2020.

PRADO, Adélia. **Quando eu era pequena**. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2019.

RAMOS, Flávia Brocchetto; NUNES, Marília Forgearini. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. **Educar em Revista**, p. 251-263, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/HFVJT5gN4Nfx7PqjfRY9CrR/>. Acesso em: 7 de ago. 2023.

SAGAE, Pedro Luís Campos. **Imagens e enigmas na literatura para crianças**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-12112009-154853/en.php>. Acesso em: 8 de ago. 2023.

Significado do nome Carmela. **Dicionário de Nomes Próprios**: significado dos nomes. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/carmela/#:~:text=Carmela%3A>. Acesso em: 8 de ago. 2023.